JOGO

Octávio Viana

© 2025 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
JOGO

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2025 (1.ª edição)
Referência Interna SP2025.44 | 25.05.2025 | 12:12
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrónicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.

Aos que jogam — mesmo sem saber as regras.
Aos que entram no quarto sem saber se estão a ser filmados.
Aos que dizem "amo-te" com medo de estarem a citar um guião.

Aos que se deixam atravessar por cidades
como se fossem punhais lentos.

Aos que amaram alguém que afinal era personagem.
Aos que ouviram um "volto já" e ficaram a viver numa frase.

Aos que duvidaram da memória, da cassete, do corpo e da língua.

Aos que não procuram a verdade
— mas o que sobra depois dela.

Este livro não é mapa, nem bússola, nem explicação.
É ferida aberta. É truque mal disfarçado. É abraço pós-fuga.

Ficai.
Sede disfarce.
Sede código.
Sede nome falso que já não querem trocar.
Sede cicatriz que se ri do bisturi.

Porque quem ama a sério, engana.
E quem engana bem, ama melhor.

Para vós, que jogaram sem aviso.
Para vós, que foram peões e reis no mesmo tabuleiro.

Fui.
Fui eu.
E fui outro.

JOGUEI.

Prólogo

Cádiz, antes do resto.

06 de maio de 2025.

Aterrei em Sevilha cedo, demasiado cedo, com o sabor amargo das horas curtas de sono e o gosto anestesiado do café mal bebido no aeroporto. Apanhei o carro alugado no balcão da *rent-a-car* — tantas vezes repito este gesto, que talvez já merecesse comprar uma viatura só minha, velha que fosse, como um sapato confortável que aceitou a forma dos pés tortos.

A estrada para Chiclana era uma artéria seca que rasgava Andaluzia adentro, ladeada por sobreiros despenteados e campos amarelos, quase hostis sob a luz branca que anunciava um verão tímido. Sentia-me gasto, exausto como quem usou demasiado uma mesma roupa e percebi que trazia comigo apenas uma mala pequena, leve, com roupa interior, quase desprovida de qualquer passado do qual me quisesse lembrar.

Cheguei à casa — um refúgio frugal e silencioso, no fim de um caminho de terra que se engasga antes da praia — já depois da hora do almoço espanhol. Uma hora roubada ao relógio português, pequena traição a que nunca me habituo, como se o tempo pudesse ter nacionalidade ou mágoa. Atirei a bagagem para o canto do quarto, sem a abrir e sem desfazer a ordem triste das roupas arrumadas por hábito. Não me sentei. O espaço não me pediu que ficasse.

Voltei ao carro. Arranquei sem fome para Cádiz, sentindo que, naquele instante, precisava da cidade como um pulmão de oxigénio

no meio da asfixia. Parei junto à Praia de La Caleta, num lugar qualquer sem placa ou linha marcada, que poderia ser estacionamento ou abandono. Ao longe, o Castelo de Santa Catalina parecia antigo... era antigo... e impassível. À minha volta, os turistas rodavam em bandos, exclamando frases que se atropelavam, de telemóveis na mão e *google maps* como se o lugar se pudesse entender por linhas e símbolos.

Fui a pé até La Viña, ao café que já é meu por cumplicidade distante, o La Clandestina. O dono reconheceu-me com aquele levantar breve do queixo — uma saudação sóbria e seca ao português, eu, feita de respeito de clientela e não de proximidade.

Lá dentro, móveis desiguais e livros envelhecidos disputavam espaço com corpos lentos, falas arrastadas em espanhol ou inglês mal pronunciado. Sentei-me, como quase sempre, no terraço. Havia odores cruzados no ar: o mar infiltrado na roupa e na pele, a gordura doce e vinagrada do *cazón en adobo* e as migalhas salgadas das tortillitas. O bairro ritmava num ruído controlado — o timbre das crianças descalças que corriam sobre as pedras quentes, as mulheres que riam em janelas abertas ao vento leve e os idosos que sussurravam palavras que já não têm tradução.

Pedi ovos mexidos, a acompanhar uma *caña* gelada em garrafa, embora odeie cerveja. Sempre o faço em Cádiz. Bebo apenas o primeiro gole, amargo e desagradável, como penitência ou recordação, e abandono o resto ao calor e à espuma morta.

Abri o portátil. Rangeu a dobradiça, ainda nova e com pouco uso, como se fosse o seu protesto contra mais uma tentativa de escrever o que nunca se alcança. Escrevi-te então, *Cádiz, antes do resto*.

Escrevo-te agora como quem fala com um amor clandestino, impossível mas inevitável. Cidade ambígua, escolhida entre outras pelo meu capricho de momento ou de memória — Portugal quando o silêncio me pesa, Itália quando preciso da beleza cruel que castiga, França quando o luxo e o ruído me anestesiam. Mas volto sempre aqui, a ti, para novos começos, porque tens qualquer coisa que quase me pertence, sem nunca a poder levar comigo.

Hoje dormirei sozinho. Não me custa — sou feito desse vazio confortável, desse silêncio que não pede explicações. Mas amanhã será diferente. Amanhã… Cádiz, talvez o teu mar me devolva o sal

que me falta, talvez uma boca quente contra a minha me aqueça, talvez as mãos de alguém que espero desenhem um mapa de prazer na minha pele. Nessa altura, começa este livro.

Então este será um livro sobre essas viagens em que *FUI (e fiquei)*, onde permanecer foi um acto voluntário e não doloroso, foi um gesto de coragem e não de rendição. Porque viajar é deixar-se roubar um pouco, é consentir que algo do que somos fique atrás, preso ao chão ou à memória, mesmo que depois, inevitavelmente, tenhamos de ir embora.

***

1

Ela Chegou

Chiclana de la Frontera, 07 de maio de 2025

Acordei antes do sol. Ainda escuro. O ar cheirava a pedra fria e maresia húmida. O som do mar, lá ao fundo, raspava levemente o silêncio.

Dormira bem. Não me lembrava da última vez que tinha dormido assim — inteiro, sem sonhos, sem interrupções e com o corpo afundado nos lençóis como se fossem areia quente.

Levantei-me sem pressa. Passei pela casa em silêncio, ainda com o corpo meio dobrado pelo sono e deixando que o chão frio me mordesse os pés antes de acender qualquer luz. No espelho da casa de banho, vi-me com uma leveza rara — os olhos limpos, vivos, com o seu castanho já sem ferrugem, quase ouro velho, quase vidro. Era eu. Ou qualquer coisa próxima.

Tomei banho devagar — água quente, bem quente, mãos firmes, sabonete a ranger na pele. Raspei o cheiro da noite dos sovacos, dos tomates, das orelhas e da nuca. Enxuguei-me com a toalha que ela dizia cheirar a mofo. Foda-se. Que cheirasse. Vesti as calças de linho bege, aquelas de bainha curta, apertadas nas virilhas, abandonadas há meses em cima de uma cadeira do quarto. A camisa cor de barro, abotoada a despropósito — era aquela que ela adorava, ou pelo menos aquela que ela apontava com os olhos quando eu não

estava a fazer figura de palerma. Vesti-me como quem se prepara para ser visto. Por ela. Só por ela. Nem me penteei.

A casa ainda respirava devagar, mas eu já sentia a manhã encostar-se ao corpo. O céu começava a clarear atrás das laranjeiras e havia uma brisa fina a atravessar as janelas abertas, trazendo o cheiro a limão e sal seco.

Saí. A estrada até ao mercado era curta, mas bastava para me deixar desperto. Os pneus estalavam no cascalho como pipocas velhas. Estacionei mal, como sempre. O peixe chegava cedo e eu queria o melhor — não o mais caro, o mais vivo. Besugos tensos, douradas de pele rija, olhos salientes ainda a espelhar a luz que se começava a impor. Havia um polvo magro, com as ventosas ainda húmidas. Comprei o que precisava sem discutir preços. A peixeira lançou-me um "*buenos días, guapo*" sem convicção. Assenti com um gesto e segui.

Na padaria, o cheiro do pão era quase pornográfico. Escolhi uma carcaça estaladiça, de crosta irregular e miolo húmido, morna ainda. Mordi um canto no carro, sem cerimónia. Depois os vegetais — cebolas, pimentos, feijão verde ainda com terra. Enfiei tudo num saco limpo, de pano forte, com um logotipo bonito de um festival de jazz: azul-escuro, letras elegantes, uma figura de saxofone em negativo. Guardava-o pela estética, não pela memória.

Voltei antes das oito. A casa esperava-me como um cão fiel. A fachada branca, áspera, tocada pelo sal, continuava a parecer ruína — mas era uma ruína minha, escolhida. E o terraço... o terraço era o coração. Largo, desavergonhado, com vista para o mar ao fundo e um céu que se queria inteiro.

Naquela manhã havia três laranjas no chão. Só as apanho depois de caírem. Nunca as colho. Gosto de vê-las ali em cima, nas árvores — o laranja vivo contra o verde molhado das folhas. É por isso que as deixo estar. Quando a árvore as larga, então sim, são minhas. Até lá, não me pertencem.

O fogão a gás estava no canto, de boca larga e chama bruta. A *paelleira*, negra e larga, esperava já no seu lugar, com marcas de velhos cozinhados gravadas no metal. Naquela cozinha exterior, onde o ar trazia a maresia da maré baixa e um resto de peixe seco algures nas juntas da praia, comecei a preparar tudo com calma. O

vinho branco repousava no frigorífico, embrulhado num pano molhado.

Ela chegava nesse dia. Ia buscá-la a Sevilha. Ainda tinha tempo.

Fui buscá-la sem pressa. Ainda a manhã não tinha rebentado por completo quando arranquei em direcção a Sevilha. A estrada, seca e reta, parecia esticada à força, sem paciência para curvas. Pus música — algo antigo, instrumental, só para fazer fundo — e deixei o volante levar-me como quem leva um animal já domesticado.

O aeroporto estava quase vazio. Ela apareceu na porta das chegadas com a mesma mala enorme de sempre, como se fosse mudar-se para dentro de mim por uns dias. Trazia óculos escuros, cabelo solto, um vestido leve a bater-lhe nas pernas como ondas curtas. Não precisou dizer nada. Sorriu e aquele sorriso era mais que tudo, mais do que qualquer palavra. Beijei-a no rosto. Depois nos lábios. Disse qualquer coisa neutra, ela respondeu num tom arrastado, suave — os dois a evitarmos o peso das primeiras frases.

E então, sem aviso, sem preâmbulo, beijei-a de novo. Agarrei-lhe a cara com as duas mãos, sem cerimónias, e beijei-a como se fosse devolver-lhe a alma pela boca. Um beijo inteiro, fundo, sem vergonha. Sem acordo prévio. Um beijo que se dá e pronto. Ela não recuou. Encostou-se. A mala caiu. Um som seco no chão. As mãos dela subiram-me pelas costas como quem sobe um lençol ao corpo. O beijo durou demais. Passou do ponto. Alguém tossiu atrás. Não parei.

No caminho de volta, ela falou pouco. Limitou-se a encostar a cabeça ao vidro, como quem observa o mundo sem querer entrar nele. Eu deixei-a estar. Gosto do silêncio dela quando não o usa para me afastar.

Chegados à casa, ela entrou como se nunca tivesse saído. Tirou os sapatos, deixou a mala encostada à parede e foi directa ao duche. Sempre fazia isso: aterrar, pousar, despir-se e desaparecer sob a água quente como se fosse preciso apagar o voo. Eu fiquei no terraço, a mexer o arroz, a ajustar o lume, a saborear o cheiro do caldo a engrossar. Era a minha maneira de rezar.

Quando voltou, vinha descalça, ainda húmida, com um vestido azul-claro que não usava há muito. Tinha a pele morena, tensa e os olhos descansados. Sorriu quando viu a mesa posta. Disse que

estava bonita. Depois corrigiu: “Está perfeita.” Tocou-me no ombro ao passar. A mão ficou um segundo a mais, o suficiente para dizer: estou aqui.

Servi-lhe vinho. Branco, seco e com uma acidez quase imperceptível. Bebeu devagar. Eu também. O sol já batia em cheio no terraço, e o som das gaivotas era apenas pano de fundo.

— “Cheira a casa,” disse ela. E depois calou-se.

Depois do almoço, deixámos os pratos por lavar. A mesa ficou ali, desarrumada. O calor não apertava, instalava-se. Uns 20 graus — temperatura de sangue morno e de pele sem defesa. Estendemo-nos nas espreguiçadeiras de lona e acácia seca, já rachada, à sombra do pano cru que eu próprio tinha esticado sobre a estrutura de madeira, com cordas de barco e dois ganchos de pescador. O vento vinha em sopros curtos, mornos e com cheiro ao mar distante.

Ela tirou o vestido com um gesto só. Fê-lo com a naturalidade de quem não precisa de seduzir — mas seduz sempre, mesmo quando respira. Ficou deitada de lado, em cuecas pretas, com as costas nuas a beberem a luz filtrada. Olhou-me por cima do ombro, como quem se entrega por provocação.

— “Pões-me o protector?”

Disse-o sem voz. Quase só com os lábios.

Peguei na embalagem meio esmagada e despejei um fio espesso nas minhas mãos. Apliquei-o devagar, começando pelos ombros, depois as omoplatas e depois na curva da coluna. A pele dela reagia como se tivesse sede. Não falou. Quando lhe toquei nas ancas, arqueou ligeiramente, só o suficiente para abrir espaço.

Inclinei-me. Beijei-lhe a base das costas e depois fui descendo. A boca, húmida e lenta, desenhou caminhos entre os músculos dela. Abriu-se, levou sal, levou cheiro... levou tudo. Senti-a vibrar por dentro. Um som breve escapou-lhe dos dentes. Não era gemido — era outra coisa. Um pedido.

Virou-se. O copo que estava pousado no braço da espreguiçadeira caiu e estilhaçou-se no chão de tijoleira, mas nenhum de nós reagiu. O mundo podia arder que não nos arrancava dali. As pernas dela abriram-se como se estivessem à espera desde sempre. Levei a boca até ao centro. Lentamente. Uma lentidão provocadora e ao

mesmo tempo quase que sagrada. Ela agarrou-me o cabelo, depois largou. Ofegava. Disse o meu nome como se fosse quase um grito.

Levantou-se num impulso, empurrou pratos e copos para o chão com um gesto só e deitou-se sobre a mesa do almoço. A madeira ainda estava quente, com vestígios de arroz e vinho. Entrei nela com força. Ela cravou as unhas na borda da mesa, mordeu o antebraço para não gritar — apesar de o poder fazer. As gaivotas calaram-se. O mar ficou de fora.

No fim, ficámos ali. Nus, colados, com as marcas dos talheres nas coxas e o cheiro dos nossos corpos suados ainda no ar. Ela virou-se de lado, com os olhos entreabertos.

— "Há muito tempo que não era assim," disse.

Mas não especificou o quê. Nem eu perguntei.

A tarde passou por nós como um cão velho a atravessar a rua: lenta, resignada e sem pressa de acabar — como são todas as boas tardes. Dormitámos no terraço, nus, cobertos apenas por sombras móveis e o cheiro doce das laranjas. O vinho acabou-se devagar. O sol caiu para trás do muro branco da casa, onde as andorinhas riscavam o céu em espirais cansadas.

Ela entrou na casa. Eu fiquei. Só levantei o corpo quando o telefone vibrou no canto da mesa, entre uma garrafa vazia e os restos de um guardanapo amachucado. O ecrã acendeu-se com um nome que já não via há meses. Um nome que ainda sabia a riso falso e pequenos escândalos.

— "Tenho saudades. Ainda pensas em mim?" dizia.

Li duas vezes. Apaguei. O gesto não teve peso. Não havia culpa — só uma espécie de enjoo. Fechei os olhos. O som do duche ecoava dentro da casa, depois o barulho do armário, um fecho a correr, o tinido breve de pulseiras ou cintos. Ela ainda não sabia. Nem precisava. Não era esse tipo de mulher. Nem eu esse tipo de homem — não naquele dia — que estava perfeito.

Ao fim da tarde, ela puxou-me para a cozinha exterior. Tinha um lenço atado à cabeça, mal preso, os cabelos loiros a fugirem-lhe pelas têmporas em cachos soltos. Os pés descalços, as unhas perfeitamente pintadas de vermelho vivo e a pele ainda marcada pela mesa. Estava linda. Não de um jeito óbvio, mas com aquele esplendor invisível que certas mulheres exalam quando deixam de se vigiar.

Começou a cortar cebolas com uma faca pequena, sem pressa. O avental branco, prístino, preso à cintura, um copo de vinho meio cheio ao lado e uma música qualquer a sair do telemóvel — *jazz* lento, voz rouca e batida discreta. A luz era baixa. O cheiro do alho começava a subir.

Peguei no portátil. O mesmo de sempre. A dobradiça rangeu.

— "Tens trabalho?" perguntou, sem se virar.

— "Não," respondi. — "Estou a imortalizar."

Ela sorriu. Continuou a cortar.

E eu escrevi. Escrevi este capítulo.

***

2

A Missão

Tânger, 08 de maio de 2025

Chegámos cedo.

Ruas estreitas, paredes caídas, e pedras gastas por séculos de solas e rodas, que escorregavam sob os pés como se testassem a decisão de ficar. Estacionei mal, outra vez. Num sítio proibido, num cotovelo de calçada sem saída, entre dois contentores a transbordar. O ar cheirava a calor e merda. Uma parede tinha uma graffiti de slogans em árabe e datas riscadas. "عيش، حرية، كرامة إنسانية", dizia um deles. Achei justo. *Pão, Liberdade, Dignidade Humana* era o que significava, o lema da Primavera Árabe.

Um gato magro espreitou de trás de uma caixa de fruta podre. Lambeu as patas como se o mundo não lhe dissesse respeito. Olhou para mim. Depois ignorou-me.

Ela ainda vinha entornada no sono, com a cabeça tombada no vidro, os olhos por abrir e a boca ligeiramente entreaberta como quem ainda saboreia um sonho inacabado. Tinha adormecido assim que o *ferry* largou, como se o mar embalasse a exaustão. Só acordou quando desci da rampa, já em terra, com um solavanco seco, e olhou em volta sem entender se estávamos num novo país ou num qualquer intervalo entre a origem e o destino.

Disse-lhe:

— “Chegámos.”

Mas ela não respondeu. Abriu a porta devagar. Depois, saiu. Ficou ali parada, com o vento a mexer-lhe o vestido leve, a cheirar o ar como se procurasse algo mas que não sabia bem o quê. Eu também não disse mais nada. Fui buscar as mochilas à mala do carro, sacos desirmanados com roupa, envelopes e uma pequena caixa por abrir. A cidade à nossa frente não pedia palavras. Pedia coragem. Ou fuga.

Entrámos num beco que não estava no mapa. Nenhum mapa mostra o que se esconde. Parecia só um atalho entre dois prédios ocos, mas era já Tânger a abrir as pernas. Um miúdo apareceu do nada, pé descalço, olho esgazeado, a vender rebuçados ou a pedir moedas — impossível distinguir. Disse “*bonjour, monsieur*”, como se a miséria tivesse etiqueta. Ignorei. Ela meteu a mão ao bolso, tirou uma moeda branca, deu-lha. Ele sorriu com metade dos dentes e desapareceu.

Subimos a rua, onde roupa pendurada entre janelas tremia como bandeiras de nações falidas. Uma mulher espreitava por trás de uma cortina de renda amarelada. Viu-nos. Fez que não viu. Continuámos. À direita, um talho. Carne pendurada em ganchos, moscas a dançar em círculos. Sangue seco no chão. Um homem gordo cortava ossos com uma lâmina que parecia já ter conhecido guerras. Cumprimentou-me com o olhar — daqueles que não pedem resposta, só medem o corpo.

Chegámos à porta azul. N.º 17. Estava ali, como prometido. Não havia campainha. Bati com os nós dos dedos. Uma, duas, três vezes. Silêncio. Depois um estalo de tranca. A porta abriu-se ligeiramente. Um olho. Um segundo de hesitação. Depois, o rosto todo — escuro, vincado e sem idade. O homem fez sinal com a cabeça, seco. Entrámos.

O corredor cheirava a mofo, com o fundo coberto de sombras e o tecto rachado como um crânio velho. Subimos devagar. Escadas de pedra, degraus desiguais, uma porta a meio com música árabe a sair lá de dentro. Alguém se riu. Um riso de mulher. Continuámos. A sala onde entrámos não tinha janelas. Uma lâmpada nua pendia do tecto e tremia ligeiramente. Havia um tapete encardido no chão, dois sofás de napa a escamar-se e uma mesa de centro com marcas